



USO DE CONTRACEPÇÃO DE EMERGÊNCIA POR ADOLESCENTES: SUBSÍDIOS PARA PROMOÇÃO DA SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA

Guilhermi da Silva Maia¹
Anne Giselly da Silva Sousa²
Marcos Ryan Loiola Lima³
Pedro Lucas Ferreira Mota⁴
Maria Rocineide Ferreira da Silva⁵
Lucas Dias Soares Machado⁶

INTRODUÇÃO

A sexualidade trata-se da subjetividade humana em relação aos sentimentos, influenciando as ações dos indivíduos e as interações interpessoais, intervindo diretamente em sua saúde (Organização Mundial de Saúde, 2001).

Na adolescência, período entre 10 e 19 anos demarcado por mudanças biopsicossociais de transição entre a infância e vida adulta, os aspectos de saúde sexual e reprodutiva são mais conscientes e evidentes, posto o estirão de crescimento e mudanças hormonais (LEITE et al., 2022). Assim, este público demanda atenção especial pelos profissionais de saúde e de educação, considerando ser a escola um dos espaços de maior inserção social destes.

A saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes é geralmente reduzida a óptica biológica, não levando em consideração os aspectos psicológicos e socioculturais nos quais essa população está à mercê, relacionando a assistência à saúde desses indivíduos somente a prevenção de doenças e agravos (SEHNEM et al., 2019).

Nesse contexto, a atenção integral a saúde sexual e reprodutiva de adolescente deve compreender os sentimentos, as mudanças corporais, a prática sexual e a prevenção de gravidez e infecções sexualmente transmissíveis (IST), dentre outros.

Diante das diversas opções disponibilizada como contraceptivos e meios de evitar gravidez e IST, junto aos equívocos quanto a educação sexual e barreiras sociais, culturais e de acesso, é relevante orientar o adolescente quanto a estas opções, seu uso adequado e possibilidades.

Em meio aos métodos contraceptivos, observa-se uma adesão a contracepção de emergência pelos adolescentes. A contracepção de emergência, também conhecida como pílula do dia seguinte, refere-se ao grupo de métodos utilizados em até 72 horas após a relação sexual desprotegida com intuito de evitar a gravidez, indicada em caso de não uso de contracepção, a falha dessa ou em casos de violência sexual, sendo a pílula de levonorgestrel a única opção recomendada no Brasil (CAMPOS et al., 2021).

O uso da pílula contraceptiva emergencial vem em uma crescente nos últimos anos, caracterizando-se como o segundo método mais utilizado entre os escolares brasileiros apesar

¹Estudante de graduação em Enfermagem, Universidade Regional do Cariri, guilhermi.maia@urca.br

²Estudante de graduação em Enfermagem, Universidade Regional do Cariri, annegiselly.sousa@urca.br

³Estudante de graduação em Enfermagem, Universidade Regional do Cariri, marcos.ryan@urca.br

⁴Estudante de graduação em Enfermagem, Universidade Regional do Cariri, pedro.lucas@urca.br

⁵Enfermeira, doutora em Saúde Coletiva, Universidade Estadual do Ceará, rocineide.ferreira@uece.br

⁶Enfermeiro, mestre em Enfermagem, Universidade Regional do Cariri, lucas.machado@urca.br



da não recomendação de uso prolongado, tendo em vista que pode acarretar em malefícios à saúde, isso se dá pela facilidade ao acesso e a carência de informações (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2021).

Nesse contexto, faz-se necessário conhecer os fatores associados que implicam no aumento do uso da contracepção de emergência entre os adolescentes brasileiros. Desse modo, a pesquisa é relevante para subsidiar propostas de melhora da qualidade de vida e redução da vulnerabilidade e riscos à saúde da população em questão, fornecendo assistência integral e equitativa, indo ao encontro aos objetivos da Política Nacional de Promoção da Saúde.

Sob essa perspectiva, objetivou-se analisar o uso de contracepção de emergência por adolescentes escolares brasileiros e seus fatores associados.

MÉTODO

Trata-se de um estudo transversal, com abordagem quantitativa, utilizando microdados secundários de domínio público, oriundos da quarta edição da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar - PeNSE, essa realizada em todos os estados brasileiros e Distrito Federal no ano de 2019. O estudo é fomentado por uma parceria entre o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE e o Ministério da Saúde e com suporte do Ministério da Educação.

A pesquisa contou com uma população de 187.957 escolares, dentre os quais foram considerados como amostra 15.750 adolescentes do sexo masculino que recomendaram o uso de contracepção de emergência a sua parceira e do sexo feminino que fez uso deste tipo de contracepção.

Tomou-se como desfecho a variável dependente o uso de contracepção de emergência. As variáveis independentes analisadas foram: sexo, idade, raça/cor, região, dependência administrativa, localização da escola e série/turma escolar. Outrossim, foram analisadas indagações contidas no questionário em relação a sexarca, o uso de preservativo e o recebimento de orientação acerca de questões como prevenção da gravidez, HIV/AIDS e outras IST's, e como adquirir preservativos de maneira gratuita.

Os dados foram organizados em planilhas do Microsoft Office Excel 2016 e processados no Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) versão 25. Utilizou-se de análise descritiva, a partir de medidas de frequência absoluta e relativa, e inferencial, a partir do teste Qui-quadrado de Pearson. A escolha do teste adequou-se frente a ausência de distribuição normal dos dados detectada pelos testes de Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk. Utilizou-se o limite de 0,05 para atestar a significância dos testes.

A PeNSE 2019 foi aprovada pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa do Ministério da Saúde sob o parecer (CONEP) sob o parecer n. 3. 249.268, de 08 de abril de 2019, estando em conformidade com as Diretrizes e Normas Reguladoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre os adolescentes escolares participantes da edição 2019 da PeNSE, 15.750 já fizeram uso ou orientaram a parceira quanto ao uso de contracepção de emergência. Destes, a maioria eram mulheres (9271; 58,9%), com idade entre 16 e 17 anos (8800; 55,9%), de raça/cor parda (7171; 45,5%) e residindo na região Nordeste (5123; 32,5%). Estes alunos encontravam-se matriculados em escolas da zona urbana (15057; 95,6%), de administração pública (10485; 66,6%) e cursando o 3º ano do ensino médio (5151; 32,7%).



XVI SEURCA



"O protagonismo da enfermagem na promoção da saúde e sustentabilidade de populações em situação de vulnerabilidade."

09 a 12 de maio de 2023

À análise das relações entre o uso de contracepção de emergência e as variáveis sociodemográficas desvelou significância estatística, sendo as chances de usar este tipo de contracepção maior por iniciativa de mulheres ($\chi^2(2)=501,21$; $p<0,001$), por jovens de 16 a 17 anos ($\chi^2(4)=15765,97$; $p<0,001$), residentes na região Nordeste ($\chi^2(4)=134,36$; $p<0,001$) e de raça/cor parda ($\chi^2(6)=349,530$; $p<0,001$). A predominância feminina no uso de contracepção de emergência pode ser explicada na responsabilidade que recai sobre o sexo quanto ao ato sexual e suas consequências, reflexo da desigualdade de gênero. Ademais, estudos apontam prevalência do uso deste método contraceptivo por adolescentes com idade média de idade de 16,7 anos, corroborando com os resultados da pesquisa (BRANDÃO, 2018; .

Também foram significativas as relações com as variáveis escolares, apresentando os adolescentes de escolas públicas ($\chi^2(1)=1657,93$; $p<0,001$), na zona urbana ($\chi^2(1)=18,551$; $p<0,001$) e cursando o 3º ano do ensino médio ($\chi^2(10)=12906,69$; $p<0,001$) mais chances a fazer uso de contracepção de emergência. Estudo semelhante vai ao encontro dos índices, ao relatar contexto socioeconômico desfavorável dos adolescentes para perpassarem por período gravídico-puerperal e prestação de suporte à criança (ASSIS et al., 2022).

Prevaleceu o uso de contracepção de emergência por adolescentes que experienciaram relações sexuais inicialmente aos 15 anos (4054; 25,7%; $p<0,001$) e que relataram uso de camisinha na última relação sexual (8660; 55%; $p<0,001$). Paralelamente, Vieira *et al.* (2021) e Campus *et al.* (2021), trazem em seus estudos dados semelhantes, onde a contracepção de emergência tem prevalência em adolescentes do sexo feminino que iniciaram a vida sexual aos 15 anos, assim como menor uso de preservativo pelas adolescentes quando comparado ao público masculino.

Em relação a educação em saúde sexual e reprodutiva, a maior parte dos adolescentes escolares recebeu na escola orientação sobre a prevenção de gravidez (11981; 76,1%; $p<0,001$), prevenção de HIV/Aids e outras Infecções Sexualmente Transmissíveis (13466; 85,5%; $p<0,001$) e sobre como conseguir camisinha gratuitamente (12058; 76,6%; $p<0,001$). Conquanto, esses dados demonstram regressão na disseminação de orientações acerca da prevenção de gravidez, quando comparados aos resultados da PeNSE de edições anteriores (FELISBINO-MENDES *et al.*, 2018).

A respeito de gravidez, a maioria das adolescentes que fez uso de contracepção de emergência em algum momento nunca engravidou (8283; 52,6%; $p<0,001$). Entretanto, 6,2% das adolescentes que já utilizaram contracepção de emergência relataram já ter engravidado (974) e 40,6% optaram por não responder essa questão (6401). O quantitativo de adolescentes que não gestaram se dá pela eficácia da pílula de levonorgestrel, sendo mais eficiente quando utilizada após o ato sexual, porém, seu uso prolongado apresenta riscos à higidez do indivíduo (GOMES, 2016; BRANDÃO, 2018).

Considerando os riscos do uso prolongado e/ou inadequado da contracepção de emergência, recomenda-se o fortalecimento de práticas educativas em saúde que empoderem os adolescentes sobre os métodos contraceptivos e auxiliem na tomada de decisão. O uso de tecnologias pode ser efetivo nesse sentido, dinamizando o aprendizado e possibilitando fácil acesso a informação, dentre as quais pode-se pontuar aplicativos, cartilhas e *podcasts*.

As questões de saúde sexual e reprodutiva, tal como o uso de métodos contraceptivos, é pauta recorrente da Política Nacional de Promoção da Saúde e do Programa Saúde na Escola, desvelando a necessidade de reforçá-la a partir de modos inovadores, interdisciplinares e



intersectoriais que transcendam a atuação de um único setor, direcionando sinergicamente os objetivos e ações.

No que toca o trabalho do enfermeiro, a atenção à saúde sexual e reprodutiva está prescrita como uma de suas competências, cabendo a este conhecer as necessidades em saúde e particularidades do seu público, reconhecimento do método mais adequado, pactuação junto ao adolescente quanto as possibilidades, acompanhamento do uso e seus efeitos, monitoramento de condições em saúde associadas e promoção de espaços saudáveis e seguros para discussão sobre o tema com profissionais de saúde, da educação, famílias e outros adolescentes.

CONCLUSÃO

Conclui-se que houve aumento no uso da contracepção de emergência por adolescentes escolares brasileiros, estando esse fenômeno diretamente ligado aos aspectos sociodemográficos e escolares. Nessa conjuntura, observou-se que adolescentes do sexo feminino, com idades entre 16 e 17 anos, de raça parda, que estão matriculadas na 3ª série do ensino médio, em escolas situadas na zona urbana e de dependência pública estão mais propensas a fazer o uso da contracepção de emergência.

O estudo apresenta como limitação a contemplação apenas de adolescentes escolares, reduzindo a possibilidade de extrapolação das interpretações a todo o público adolescente. Para além, não foram conduzidas análises de mediação e confundidores, o que representa abertura para condução de novos estudos sobre o tema.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, T. S. C.; MARTINELLI, K. G.; GAMA, S. G. N.; NETO, E. T. S. Reincidência de gravidez na adolescência: fatores associados e desfechos maternos e neonatais. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 27, n. 8, p. 3261-3271, 2022. Doi: 10.1590/1413-81232022278.00292022.
- BRANDÃO, E. R. Hormônios sexuais, moralidades de gênero e contracepção de emergência no Brasil. *Interface*, v. 22, n. 66, p. 769-776, 2018. Doi: 10.1590/1807-57622017.0216
- CAMPOS, C. A.; VELASQUEZ, C. P.; PADILLA, N. R.; MANCILLA, S. V.; SAEZ, B. B.; ESPINOZA, J. Q.; FLORES, D. F.; DOMINGUEZ, M. C. R.; BURBOA, A. G. Conocimiento de la anticoncepción de emergencia en mujeres adolescentes de enseñanza media de la comuna de Hualqui, Chile. *Rev. Chil. Obstet. Gynecol.* v. 86, n. 1, p. 52-60, 2021.
- FELISBINO-MENDES, M. S.; PAULA, T. F. DE.; MACHADO, I. E.; OLIVEIRA-CAMPOS, M.; MALTA, D. C. Análise dos indicadores de saúde sexual e reprodutivo de adolescentes brasileiros, 2009, 2012 e 2015. *Ver. Bras. Epidemiol.* v. 21, n.:suppl 1, p.:e180013, 2018. Doi: 10.1590/1980-549720180013.supl.1.
- GOMES, M. Pílula do dia seguinte: anticoncepcional de emergência tem até 90% de eficiência. Albert Einstein, 2016. Disponível em:



<https://www.einstein.br/noticias/noticia/pilula-anticoncepcional-90-eficiencia#:~:text=%E2%80%9CTem%20efici%C3%Aancia%20de%20at%C3%A9%2090,cinco%20dias%20ap%C3%B3s%20o%20sexo%E2%80%9D..> Acesso em: 03, mar. 2023.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (BR). Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar – PeNSE 2019. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; 2021. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101852.pdf>. Acesso em: 02, mar. 2023. LEITE P. L.; TORRES, F. A. F.; PEREIRA, L. M.; BEZERRA, A. de M.; MACHADO, L. D. S.; SILVA, M. R. F da. Construção e validação de podcast para educação em saúde sexual e reprodutiva de adolescentes. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 30, n. Rev. Latino-Am. Enfermagem, 2022 30(spe), p. e3706, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.6263.3706>

SEHNEM, G. D; CRESPO, B. T. T; LIPINSKI, J. M; RIBEIRO, A. C; WILHELM, L. A; ARBOIT, J. Saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes: percepções dos profissionais em enfermagem. *Av. Enferm.*, v. 37, n. 3, p. 343-352, 2019. Doi: <http://doi.org/10.15446/av.enferm.v37n3.78933>.

VIEIRA, K. J.; BARBOSA, N. G.; DIONÍZIO, L. A.; SANTARATO, N.; MONTEIRO, J. C. S.; GOMES-SPONNHOLZ, F. A. Início da atividade sexual e sexo protegido em adolescentes. *Esc. Anna Nery*. v. 25, n. 3, p.:e20200066, 2021. Doi: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2020-0066>.

World Health Organization. Sexual Health. Disponível em: https://www.who.int/health-topics/sexual-health#tab=tab_1. Acesso em: 03 de mar. 2023.

Agradecimentos

Ao Fundo de Combate à Pobreza – FECOP, pelo financiamento das bolsas de extensão e iniciação científica da Universidade Regional do Cariri.